



“VOTO DE PESAR PELA MORTE DA AGOSTINHA BESSA LUÍS”

Morreu no passado dia 3 de Junho, na sua casa no Porto, vítima de doença prolongada, Maria Agostinha Ferreira Teixeira Bessa (Amarante, Vila Meã, 15/10/ de 1922 — Porto, 3 /06 de 2019), escritora com o nome literário de Agostinha Bessa Luís. Iniciou muito nova o seu interesse pelos livros e pela literatura, descobrindo na biblioteca do avô materno, os clássicos da literatura espanhola, francesa e inglesa, marcantes na sua formação literária. Em 1932 vai para o Porto estudar, onde passa parte da adolescência, mudando-se para Coimbra em 1945. A partir de 1950 fixa definitivamente a sua residência no Porto. Casou a 25 de julho de 1945, na cidade do Porto, com o estudante de Direito Alberto Luís, que conheceu através de um anúncio no jornal "O Primeiro de Janeiro", publicado pela escritora, no qual procurava uma pessoa culta com quem se corresponder. Do seu casamento teve uma única filha, Mónica Bessa-Luís Baldaque, museóloga, pintora e autora de vários livros. Estreou-se como romancista em 1949, ao publicar a novela Mundo Fechado, mas seria o romance A Sibila, publicado em 1954 que constituiu um enorme sucesso e lhe trouxe imediato reconhecimento geral. E é com A Sibila que atinge a total maturidade do seu processo criativo. É conhecido o seu interesse pela vida e obra de um dos grandes expoentes da escola romântica, Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco, 1.º Visconde de Correia Botelho, cuja herança se faz sentir quer a nível temático (inúmeras obras de Agustina se relacionam com a sociedade de Entre Douro e Minho), quer a nível da técnica narrativa (explorou ficcionalmente a própria vida de Camilo). Essa filiação associa Agustina à corrente neorromântica, como defende Eduardo Lourenço. Vários dos seus romances foram adaptados ao cinema pelo realizador Manoel de Oliveira, com quem manteve uma relação de amizade e de colaboração próxima. Exemplos desta parceria são Fanny Owen (Francisca, 1981), Vale Abraão (filme homónimo, 1993), As Terras do Risco (O Convento, 1995) ou A Mãe de um Rio (Inquietude, 1998). Foi também autora de peças de teatro e guiões para televisão, tendo o seu romance As Fúrias sido adaptado para teatro e encenado por Filipe La Féria, (Teatro Nacional D. Maria II, 1995). Em 2005, participou no programa da RTP Ela por Ela, série de 13 episódios sobre provérbios e aforismos, em conversa com Maria João Seixas, realizado por Fernando Lopes, retirando-se da vida pública em 2006, não sem antes publicar a sua última obra, a "Ronda da Noite"

Lisboa, 18 de Junho de 2019.

Pelo exposto o eleito do CDS-PP à Assembleia de Freguesia da Ajuda, vem solicitar que seja aprovado um voto de pesar pela morte da escritora Agostinha Bessa Luís. Lisboa, 18 de Junho de 2019

O eleito do CDS-PP



Pela Freguesia da Ajuda, pelo CDS-PP

Nuno de Lima Mayer Moreira



“VOTO DE PESAR EM MEMÓRIA DAS VÍTIMAS DO MASSACRE DE TIANANMEN “

No passado dia 4 de junho, assinalou-se o 30.º aniversário do massacre na Praça de Tiananmen, em Pequim, onde centenas de pessoas, na sua maioria estudantes universitários, perderam a sua vida, por se manifestarem em protesto contra o regime comunista chinês e pela democracia, opondo-se à falta de transparência, exigindo a implementação de reformas políticas, contestando a corrupção e os seus efeitos extremamente graves no relacionamento entre os cidadãos e o Estado, recusando a recurso à violência e à repressão como formas de ação política, e denunciando as debilidades económicas estruturais daquele país.

A notável persistência daqueles estudantes foi alvo de uma violenta e impiedosa resposta por parte do Exército Popular de Libertação, que massacraram indiscriminadamente muitos dos estudantes que integram o movimento de contestação pró-democracia e agravou a repressão contra todos aqueles que participaram naquele movimento. Apesar de não se conhecerem o número exato das pessoas que perderam a sua vida naquele dia, e na sequência da ação persecutória desencadeada pelo regime chinês, estima-se que tenham sido muitos mais do que aqueles que foram reconhecidos oficialmente pelo regime.

Ao assinalar a 30.ª década do massacre de Tiananmen, nunca se poderá dispensar evocar a vida de todos aqueles que perderam a vida perfilhando os valores da democracia e da liberdade, e renovando a nossa consciência política coletiva, para que as novas gerações saibam que a liberdade e a democracia são valores que se renovam e constroem todos os dias.

Pelo exposto o eleito do CDS-PP à Assembleia de Freguesia da Ajuda, vem solicitar que seja aprovado um voto de pesar por todos os Estudantes que perderam a vida em Tiananmen.

Lisboa, 18 de Junho de 2019.

O eleito do CDS-PP



CDS-PP

Pelo Freguesia da Ajuda, pelo CDS-PP

Nuno de Lima Mayer Moreira

Voto de Pesar Ruben de Carvalho

Ruben de Carvalho faleceu dia 11 de Junho de 2019, com 74 anos, em consequência de problemas de saúde que exigiram internamento hospitalar.

Intelectual comunista, assumiu uma intervenção destacada na actividade do PCP, tendo desempenhado importantes tarefas, cargos e responsabilidades. Ruben de Carvalho teve uma vida de intervenção e de luta na resistência antifascista, no movimento associativo estudantil, abraçou com intensidade a Revolução de Abril e defendeu os seus valores e conquistas. Destacou-se no jornalismo, na imprensa e na rádio. Deixou à sociedade portuguesa um contributo de grande relevo no conhecimento da música, na sua dimensão artística, cultural e social, no plano nacional e internacional, das suas raízes populares à sua dimensão erudita.

Membro do Comité Central do Partido Comunista Português e do Executivo da Comissão Nacional da Festa do «Avante!», Ruben de Carvalho nasceu em Lisboa em 21 Julho de 1944.

Ruben de Carvalho aderiu ao Partido Comunista Português em 1970. Foi funcionário do Partido entre 1974 e 1997. Era membro do Comité Central desde 1979. Foi Membro da Comissão Executiva Nacional de 1990 a 1992 e do Conselho Nacional de 1992 a 1996. Foi Chefe de Redacção do «Avante!», órgão central do PCP, entre 1974 e 1995. Era membro do Executivo da Comissão Nacional da Festa do «Avante!» desde a 1.ª edição, em 1976, tendo assumido uma intervenção destacada na sua programação cultural, em particular na concepção e organização dos seus espectáculos musicais.

Desde muito jovem teve intervenção activa na luta antifascista. Enquanto estudante integrou, em 1960, a Direcção da Comissão Pró-Associação dos Estudantes do Ensino Liceal e da Comissão Nacional do Dia do Estudante (de 1961 a 1964). Já estudante do Ensino Superior participou na luta académica em 1962. Em 1963 integrou a Direcção da Comissão Pró-Associação de Estudantes da Faculdade de Letras de Lisboa e no ano lectivo de 1964/1965 foi membro da Reunião Inter- Associações (RIA), sendo o responsável pelo Departamento de Informação.

Esta activa intervenção no movimento estudantil levou a perseguições constantes, por parte da polícia do regime fascista – PIDE – e às prisões fascistas de Caxias e do Aljube. Foi preso em 1961, 1962, 1963, 1964 e 1965/1966 e de novo em 7 de Abril de 1974.

Ruben de Carvalho foi membro das «comissões juvenis de apoio» à candidatura do General Humberto Delgado (1958). Foi activista da Oposição Democrática nas «eleições» para a Assembleia Nacional de 1961, 1965 e 1973, tendo nestas últimas integrado a Comissão Central da CDE (Comissão Democrática Eleitoral).

Após o 25 de Abril de 1974, foi da Direcção Nacional do Movimento Democrático Português – Comissão Democrática Eleitoral (MDP/CDE) em 1974, e chefe de gabinete do Ministro Sem Pasta, Prof. Francisco Pereira de Moura, no I Governo Provisório. Foi repórter e redactor coordenador de «O Século» em 1963 e editor-paginador em 1971. Chefe de redacção da «Vida Mundial» em 1967. Teve colaborações em numerosas publicações: «Seara Nova», «Notícias da Amadora», «O Diário», «Diário de

Lisboa», «Século Ilustrado», «Contraste», «JL», «O Militante», «Politika», «História», «Vida Mundial» (nova série), «A Capital», «Expresso».

Foi cronista no «Diário de Notícias» e comentador da SIC Notícias. Dirigiu entre 1986 e 1990 a rádio local «Telefonia de Lisboa» na qual produziu e realizou diversos programas. Foi membro do Conselho de Opinião da RTP em 2002. Produzia, desde 2009, o programa «Crónicas da Idade Média» e participou no programa «Os Radicais Livres» na Antena 1.

Foi membro da Comissão Executiva das Festas de Lisboa e da Comissão Municipal de Preparação de LISBOA 94 - Capital Europeia da Cultura, Comissário para as áreas de Música Popular e Edições de LISBOA 94 e Director artístico nomeado pela Câmara Municipal de Lisboa do Festival das Músicas e Portos (1999). Membro do Conselho Consultivo do Centro Cultural de Belém.

Foi deputado na Assembleia da República, eleito pelo círculo de Setúbal, nas eleições de 1995, vereador da Câmara Municipal de Setúbal, eleito pela CDU, em Dezembro de 1997 e vereador na Câmara Municipal de Lisboa, eleito pela CDU, entre 2005 e 2013. Foi responsável na Câmara Municipal de Lisboa pelo Roteiro do Antifascismo.

Foi membro da Comissão Executiva das comemorações do 25.º Aniversário do 25 de Abril nomeado pelo Presidente da República.

Escreveu os livros «Dossier Carlucci-CIA», «Festas de Lisboa», «As Músicas do Fado», «Seis Canções da Guerra de Espanha», «Um Século de Fado», «Histórias do Fado», organizou o livro póstumo «As Palavras das Cantigas» de José Carlos Ary dos Santos e prefaciou diversas obras, nomeadamente «Nenhum Homem é Estrangeiro» de Joseph North.


Produziu diversos discos e espectáculos, nomeadamente «Uma certa maneira de cantar», «A Internacional», «Pete Seeger em Lisboa», «25 Canções de Abril», «Lisboa Cidade Abril», «Carvalhesa», «Grândolas», entre outros.

Ao longo de toda a sua vida, Ruben de Carvalho empenhou-se na luta, com o seu Partido, pela liberdade e a democracia, por uma sociedade nova liberta da exploração e da opressão. Assim como se bateu por uma cidade progressiva e justa, pelo bem-estar e a felicidade do povo de Lisboa.

Os eleitos do PCP na Assembleia de Freguesia da Ajuda propõem que a Assembleia de Freguesia da Ajuda, na sua sessão de 18 de Junho de 2019, delibere:

a) Manifestar o seu profundo pesar pelo falecimento de Ruben de Carvalho, guardando um minuto de silêncio;

b) Apresentar as suas mais sentidas condolências e a solidariedade perante a dolorosa perda à sua Família e ao Partido Comunista Português;


Rui Costa



“Pela valorização, conservação e divulgação dos Chafarizes existentes na Ajuda”

Lisboa, que é uma cidade banhada pelo Rio Tejo, debateu-se desde cedo com a falta de água para consumo. Com o ritmo de crescimento populacional acelerado, o progresso dos hábitos de higiene e do nível de vida, houve a necessidade de melhorar as condições de abastecimento de água à cidade.

Assim, dos primórdios da Nacionalidade ao reinado de D. João V, o abastecimento que era feito através de água de cisternas, de poços ou de fontes foi substituído, no segundo quartel do século XVIII, pela introdução de um exemplar projecto de engenharia hidráulica, que dá pelo nome de Aqueduto das Águas Livres, o qual conduz as águas dos arredores (região de Caneças e Belas) até aos chafarizes construídos para o efeito. A partir do reinado de D. Pedro V e com a criação das companhias concessionárias, inaugura-se a época da distribuição por encanamentos que levam a água directamente ao domicílio.

A construção de alguns destes chafarizes implicou, à data, grandes arranjos urbanísticos que moldaram a paisagem lisboeta com praças e largos que contribuem para a ornamentação, vida e identidade do espaço público da cidade. As suas águas de xaram, no Séc. XX, de ser aproveitadas para consumo, altura em que estes ganharam uma dimensão histórica e cultural que perdura na memória colectiva e na paisagem lisboeta. Todos eles se constituem como importantes testemunhos de um monumento histórico e, pela sua variedade topológica, por importantes testemunhos da variação das tendências estéticas e artísticas.



A Freguesia da Ajuda conta com pelo menos quatro chafarizes que pela sua história merecem a nossa atenção:

Chafariz do Largo da Paz

4.5 ★★★★★

Ponto de referência histórico
Largo da Paz



Chafariz da Boa Hora

Ponto de referência histórico
R. Nova de Carvalho



Chafariz do Rio Seco

Ponto de referência histórico
Largo Rio Seco 129



Chafariz Alcolena ou da Boa Memória

Ponto de referência histórico



O CDS entende que a conservação, preservação e divulgação do património de Lisboa é um desígnio de todos, eleitos e cidadãos, que contribui para a preservação da sua história e identidade nacional e além-fronteiras, bem como um alerta para a necessidade nevrálgica de proteger os monumentos nacionais ou de relevante interesse nacional e/ou municipal.